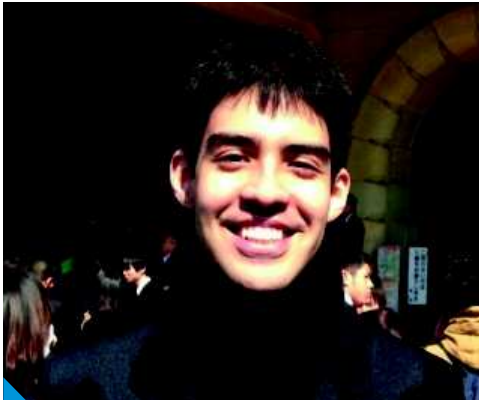


CURSO – ENG. DE COMPUTAÇÃO


Alisson de Brito Ninomia

“Você não pode deixar ninguém dizer que você não é bom o suficiente.”

Alisson de Brito Ninomia saiu do Colégio Etapa para entrar no restrito grupo de estudantes com a prestigiosa bolsa MEXT do governo do Japão. Inicialmente, sem saber falar japonês, passou um ano em Tóquio, aprendendo o idioma na Universidade de Línguas Estrangeiras. Ingressou, em seguida, no Instituto Tecnológico de Nagoia, onde cursou Engenharia de Computação e fez mestrado. Aqui ele conta sua história, com os desafios de estudar e ser bem-sucedido em outro país.

JC – Como surgiu seu interesse em estudar no Exterior?

Alisson – O Etapa me ajudou a enxergar que não era uma coisa impossível estudar fora. Aqui a gente via que o colégio formava gente que fazia coisas incríveis. Numa palestra que vi aqui no final do 2º ano, um ex-aluno falou sobre a experiência dele de viver e estudar no Japão. Isso despertou meu interesse e é uma coisa que devo ao Etapa.

No 3º ano do Ensino Médio, além de se candidatar à bolsa MEXT, do governo japonês, você também prestou vestibulares no Brasil?

Prestei Fuvest para Engenharia de Computação e Unicamp para Ciência da Computação. Não sabia se ia conseguir a bolsa do Japão, o resultado só saiu em março.

No Instituto Tecnológico de Nagoia você cursou Engenharia de Computação. A escolha desse curso ocorreu antes de ir para o Japão?

A bolsa MEXT não é direta para a faculdade. No 1º ano a gente vai para uma universidade de línguas aprender japonês. Minha turma, composta de 50 bolsistas do mundo inteiro – sendo só eu do Brasil – foi separada em duas, uma ficou em Tóquio e outra em Osaka. Eu estudei na Universidade de Línguas Estrangeiras em Tóquio, de abril de 2009 a março de 2010. Conforme suas notas na prova final, você consegue escolher a faculdade para a qual quer ir.

Você decidiu ir para o Instituto Tecnológico de Nagoia. Por que essa escolha?

Eu queria trabalhar com Inteligência Artificial, aprender alguma coisa diferente. O supervisor do curso na faculdade me indicou o Instituto Tecnológico de Nagoia e acabei indo para lá.

Onde você morava, em Tóquio, enquanto estudava japonês?

Dentro da própria universidade havia dormitórios para estrangeiros. A infraestrutura era ótima, um quarto para cada aluno – bem legal.

Em Nagoia você continuou morando em dormitório do Instituto?

Fiquei só seis meses no dormitório do Instituto, depois passei a morar no apartamento em que estou até hoje.

Como foi o início em Nagoia como aluno de graduação?

O primeiro ano em Nagoia foi um pouco mais difícil. Na Universidade de Línguas Estrangeiras o pessoal sabia que os bolsistas não falavam japonês e levavam a gente pela mão. Quando entra na graduação você já tem que se comunicar. Aí descobre que estudou japonês um ano e ainda não sabe bem a língua.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia de Computação

1
ARTIGO

Aroma e sabor do café dependem de diferentes compostos químicos

5
COLONA M

Adivinhando

7
CONTO

A aia – Eça de Queirós

4
SOBRE AS PALAVRAS

Pode tirar o cavalo da chuva

6
ESPECIAL

Colégio Etapa e os resultados em Física

7

Em Nagoia as aulas eram apenas em japonês?

Sim, tudo em japonês.

Quanto tempo levou a adaptação à vida universitária?

Foram dois anos para realmente me adaptar. Para o japonês técnico você tem os livros, basta consultar o dicionário. O que pesou mais foi conseguir me comunicar com o pessoal. É difícil ficar natural e fluente na língua.

Como se desenvolveu o curso de Engenharia de Computação?

No Instituto Tecnológico é um pouco de Engenharia misturada com Ciências. Eles não fazem muita diferenciação entre Ciências e Engenharia, como no Brasil. É misturado.

Qual era a grade curricular do curso?

O currículo é bem parecido, quase igual ao que a gente tem no Brasil no curso de Engenharia de Computação. Eu estudei o mesmo que meus amigos estavam estudando na USP. Tudo que qualquer engenheiro deveria saber. Uma coisa que percebi: a faculdade no Japão é excelente, mas eu acho que em matéria de currículo a Poli não perde nada.

O formato das aulas e provas é também parecido?

O diferente na faculdade do Japão em relação às faculdades brasileiras é que no curso de Engenharia no Brasil os professores aplicam provas difíceis de propósito, para você aprender o que não sabe. No Japão eles se preocupam mais em formar engenheiros com nível mínimo para entrar em alguma empresa. A faculdade não está voltada para pesquisa, mas para formar trabalhadores mesmo. Os professores ensinam o que você precisa saber para se formar e entrar numa empresa logo.

Durante a graduação você fez algum estágio?

Não. Explico: no Japão não tem muito essa coisa de estágio em empresa. Por outro lado, todo mundo que cursa faculdade de Engenharia, qualquer faculdade, no último ano tem um laboratório em que obrigatoriamente faz pesquisa. Você não escreve sua tese sozinho ou do nada. No laboratório tem um professor supervisor que dá um tema para fazer pesquisa e todo mundo escreve o TCC em cima disso.

Qual foi o tema da sua pesquisa?

O laboratório tinha uma série de dispositivos de reconhecimento de som. Todos os dispositivos eram relacionados a veículos. Por exemplo, pessoas com deficiência auditiva colocam um dispositivo no bolso e se estiver vindo uma ambulância, ou se tiver algum carro passando muito perto, ou se a campainha de sua casa toca, o dispositivo reconhece, processa o som e mostra na sua tela o que está acontecendo. Só que nenhum deles era conectado numa rede. Eu ajudei a desenvolver um sistema wi-fi para conectar todos os dispositivos. O que fiz foi desenvolver um jeito daqueles dispositivos se comunicarem um com outro pelo wi-fi. E tive a sorte de o laboratório estar conectando algumas empresas que fazem esse tipo de produto. Consegui ver ao vivo como essa pesquisa se tornava um produto.

Quando você se formou engenheiro de Computação?

Eu entrei em abril de 2010 e me formei em março de 2014.

O que fez em seguida?

Iniciei meu mestrado no mesmo Instituto Tecnológico. Eles querem que a gente tenha conhecimento para trabalhar logo em uma empresa, só que ao mesmo tempo a formação em mestrado é muito valorizada. Terminei o mestrado em março de 2016.

Qual o tema do seu mestrado?

Inteligência artificial, que pode ser usada em tudo. A gente consegue pegar tudo que é informação e separar em caixinhas pequenas, fazer um monte de categorias, saber como agir em certas situações. É saber o que usar, quanto usar e quando.

A bolsa MEXT cobriu também o mestrado?

Não. Tive vínculo com a bolsa só até o final da graduação. O mestrado, meus pais pagaram. Durante um ano, de março de 2014 a março de 2015, fiz *arubaito* [trabalho temporário para estudantes] para pelo menos pagar o aluguel. Se fosse para meus pais mandarem dinheiro toda hora, seria meio complicado.

Onde você trabalhou?

Eu, como vários amigos meus, fui trabalhar em restaurante. Comecei lavando pratos, conforme a hierarquia que funciona aqui. Você lava os pratos e eles te ensinam a cozinhar. Depois você toma conta da cozinha. Passei um ano subindo os degraus.

O que essa experiência significou para você?

Esse tipo de experiência sempre acrescenta no contato com as pessoas, como tratá-las direito. Eu acho que quando a gente é novo sabe pouco do mundo. Se você não faz um bico, um trabalho desse tipo, e um estágio, não chega no mundo profissional com experiência suficiente para tratar as pessoas direito, para conversar direito. Os *arubaitos* são da cultura japonesa. Os japoneses acreditam muito que trabalhar pelo próprio dinheiro faz você crescer mais rápido. E não precisa ser na sua área. Pouquíssima gente faz um *arubaito* relacionado à matéria que está estudando na faculdade.

Seu mestrado durou dois anos e você fez *arubaito* um ano. Por que não continuou trabalhando no segundo ano?

Eu parei de trabalhar porque é no 2º ano do mestrado que se começa a procurar emprego. Não é como no Brasil, onde a gente faz um currículo e vai mandando. Tem um mês certo em que a empresa vai à faculdade e faz uma palestra, tem outro mês exato em que você manda o currículo, tem outro mês em que eles fazem entrevista com você. É uma corrida, se você não conseguir daquela vez já era; só no ano seguinte, e olha lá. É uma época que deixa todo mundo muito nervoso.

Concluído o mestrado, onde foi trabalhar?

Fui direto para a empresa onde estou agora, a Brother, que trabalha mais com impressoras. Ela tem filial em São Paulo. Comecei em abril de 2016.

Em que área da empresa você entrou?

Eu estou desenvolvendo softwares num setor que trabalha com vários produtos novos, compactos. É uma linha de impressoras portáteis, mais fáceis de usar. Todo mundo que trabalha em entregas aqui no Japão tem uma impressora portátil no bolso e na hora que precisam eles imprimem etiquetas e colocam nos produtos. A gente fornece para eles.

Como é o seu trabalho em uma empresa japonesa?

Isso também é uma coisa diferente no Japão, o primeiro ano inteiro é de treino. Eles querem treinar você para fazer o trabalho direito. O que estou fazendo agora: digamos que tem uma impressora nova, surge uma ideia nova, eu e um supervisor meu passamos a ideia para todos os setores – de administração, de hardware, de mecânica – e todo mundo se junta para ver se a ideia é boa mesmo. Se a ideia for boa começa o desenvolvimento do produto. E conforme surgem problemas a gente vai criando mais documentos para fazer a produção terminar o mais rápido possível. Como empregado de primeiro ano faço mais coisas básicas. Se tem alguma função nova no produto, crio a documentação para deixar escrito tudo direitinho. Todo mundo aprovando o documento, a gente começa a desenvolver em cima disso. Depois de desenvolvido e testado, o produto passa a ser vendido.

Nesse primeiro ano de treino no trabalho você passou por diversas áreas da empresa?

Quando você entra numa empresa aqui no Japão eles querem saber para que setor você quer ir. Não tem de passar por várias áreas para decidir. O máximo que a gente decide é em qual dos produtos quer contribuir.

Como é seu dia a dia? Você se relaciona com a comunidade brasileira que vive no Japão?

Infelizmente, aqui no Japão existe uma separação muito grande entre quem vem trabalhar e quem se forma na faculdade. Tem essa distinção. Eu não cheguei a conhecer muitos brasileiros. O meu dia a dia é mais sair com meus amigos estrangeiros ou japoneses. E uns poucos brasileiros que eu conheci na faculdade.

A sua família costuma ir ao Japão? Você vem ao Brasil?

Ainda bem que hoje existe o Skype. Eles não chegaram a vir para cá porque é muito caro. O meu irmão veio uma vez e eu voltei uma vez ao Brasil. Você vê que loucura. Além da passagem ser cara tem o tempo de trânsito. Se você tem uma semana de férias, dois dias são no avião.

Você pretende fazer carreira no Brasil?

Eu não pretendo voltar para o Brasil, não porque o país está assim ou assado. Não gosto muito de voltar atrás.

Para mim, voltar para o Brasil seria meio como interromper tudo que fiz até agora.

Nesse período aí no Japão, assustou-se com os terremotos?

Como os japoneses estão acostumados com terremotos, hoje em dia nem se assustam mais. Eu ainda tremo um pouquinho, mas falo: esse terremoto foi nível 1; foi terremoto, mas não foi.

Você planeja ter negócio próprio?

Eu nunca fui muito de querer um negócio próprio, ser presidente de alguma coisa. Eu acho que a gente tem que tentar ser um pouco mais feliz e menos importante. Tenho que aproveitar um pouco mais a vida. Ter um lar, um emprego normal, uma vida normal, aproveitando o país em que estou.

Você se formou no Etapa há nove anos. O que tem de recordação daquela época?

O Etapa foi muito bom porque é um colégio do mais alto nível. Eu conheci muita gente que me ensinou a ver o mundo de um jeito diferente. Tinha vários amigos. Não acreditava que eram da mesma idade que eu, porque eram muito inteligentes. E os professores eram muito legais. O Etapa foi um lugar em que me senti seguro. Aquela foi uma época tranquila, bem gostosa para mim.

Chegou a participar de atividades extracurriculares no Colégio?

Eu fiz um pouco de olimpíadas de Matemática, Química e Física. Consegui uma medalha de prata na Olimpíada Paulista de Matemática. Eu me metia nas aulas de preparação porque, na verdade, eu era muito ruim. Na 5ª série, quando cheguei no colégio, não sabia nada de Exatas. Mas o colégio dava chance de você aprender bastante. Nunca faltou oportunidade de aprender. Nunca senti o Etapa colocando aquela pressão assim: você não é bom o suficiente para fazer tal coisa. O Etapa deixava fazer tudo que quisesse, contanto que você tivesse força de vontade. O Etapa foi ótimo para eu transformar meus pontos fracos em pontos fortes. Também fiz um pouco de aulas de francês e em uma gincana cultural cantei com uma amiga minha.

Você ainda tem amigos da época do colégio?

Sim. Parece mentira, mas o que todo mundo fala é verdade mesmo. Aqueles amigos próximos que você teve no colegial vão durar para a vida inteira.

O que você pode dizer a quem, como você há 10 anos, está pensando em estudar em outro país?

Você não pode deixar ninguém dizer que você não é bom o suficiente. Todo mundo é bom para fazer o que quiser. Acho que todo mundo tem que se valorizar. Você não precisa ser o melhor em tudo, mas precisa ser melhor naquilo de que gosta.